

AUTOFOTOGRAFIA NA LINHA DE FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY

NATÁLIA LOHMANN D' ÁVILA¹; VALENTINA MACHADO²; RAFAELA BARROS DE PINHO³; LORENA MAIA RESENDE⁴; VANESSA FORNECK⁵; EDUARDO ROCHA⁶.

¹FAURB/UFPEL – *nathylah@hotmail.com*

²PROGRAU/UFPEL – *valentina.rigon.machado@gmail.com*

³FAURB/UFPEL – *rafaelaapinho@gmail.com*

⁴PROGRAU/UFPEL – *lorenamilitao@gmail.com*

⁵FAURB/UFPEL – *vanessaf.ufpel@gmail.com*

⁶PROGRAU/UFPEL – *amigodudu@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este resumo é parte do projeto de pesquisa “Travessias na Linha de Fronteira Brasil-Uruguay” que tem como objetivo geral investigar o uso do espaço público da linha de fronteira Brasil-Uruguay. Definido pelas cidades-gêmeas (Chuí-Chuy, Jaguarão-Rio Branco, Aceguá-Aceguá, Santana do Livramento-Rivera, Barra do Quaraí-Bella Unión e Quaraí-Artigas), utilizando como metodologia a cartografia urbana e como um de seus procedimentos metodológicos a autofotografia.

As atividades do projeto buscam aproximar os pesquisadores ao campo de pesquisa, propondo a realização de uma travessia nas linhas de fronteira das cidades-gêmeas Brasil-Uruguay, para descobrir os usos, atividades, modos de vida encontrados nessa confluência urbana.

Travessia, ato de atravessar, se deslocar de um ponto a outro, “a travessia depende sempre de um coletivo, ou de alguém que atravessa algum lugar, território, pensamento ou que é atravessado por outros *afectos*” (RESENDE, 2018). Assim, no ato da passagem os pesquisadores passam a pertencer não a um lugar nem outro, mas sim ao meio, a fresta e ao entre.

2. METODOLOGIA

Segundo Deleuze e Guattari (1995) a cartografia é uma forma de produzir conhecimento durante o processo de pesquisa, e através da utilização do método cartográfico se pretende investigar os espaços públicos na linha de fronteira na contemporaneidade, reunindo geografia, filosofia, arquitetura, urbanismo e artes contemporâneas. Como resultado pretende-se produzir narrativas sobre o espaço público na linha de fronteira Brasil-Uruguay, na coexistência da materialidade e imaterialidade, das políticas públicas e modos de vida na cidade, do Brasil e Uruguay e da própria fronteira na fronteira.

O método da cartografia se constitui como um modo de acompanhar os processos, de múltiplos mapas (imagens, vídeos, narrativas, sensações, desejos, etc). As pistas do método da cartografia respondem a um desafio de desenvolver formas de pesquisar que se dediquem ao estudo de processos e que elas próprias se efetuem por uma processualidade (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009).

Os procedimentos metodológicos contemplam entrevistas cartográficas, confecção de mapas, produção de vídeos e **autofotografia**, descrita por Robert Ziller (NEIVA-SILVA E KOLLER, 2002) que se caracteriza por ser um

procedimento fotográfico executado pelo próprio sujeito da pesquisa, que elege o que quer fotografar, o ponto de vista, o horário, etc.; é autônomo no ato de fotografar e responder a questão de pesquisa: o que chama a atenção do caminhante pesquisador na linha fronteira?

A análise em autofotografia procura contemplar as linguagens visuais (imagens) e verbais (entrevistas e legendas das imagens), de modo a dar margem a contradições nas representações e significados, utilizando a imagem como um disparador de ideias e pensamentos sobre a questão pesquisada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante 10 dias, entre 24 de agosto e 02 de setembro de 2018, quinze pesquisadores, entre eles, acadêmicos, mestrandos e professores, viajaram pelas seis cidades-gêmeas, localizadas na linha de fronteira Brasil-Uruguay.

Os caminhantes percorreram a linha de fronteira em grupos durante o dia, com suas câmeras fotográficas, com sol e chuva, frio e muitos encontros. Durante a caminhada na linha fotografaram as mais diferentes cenas, em diversos ângulos e aproximações, gerando imagens desde planos gerais até imagens de primeiro plano.

As imagens eram descarregadas no final de cada dia de travessia, visualizadas pelo fotógrafo-pesquisador, que escolhia a que mais lhe afetou. Para, em seguida, em uma pequena entrevista, dizer o porquê de sua escolha.

As entrevistas foram transcritas e posteriormente montadas imagem-texto lado a lado, por cidades, cidades-gêmeas, países ou temas.

A travessia da linha na cidade gêmea Jaguarão-Rio Branco na manhã fria e ensolarada do dia 26 de agosto gerou o registro da Figura 01 de autoria de uma arquiteta participante que relata:

Uma fronteira, duas cidades, muitas culturas. No encontro com um acampamento indígena emerge uma pergunta: quantas culturas atravessam essa fronteira, o que ela guarda em suas bordas? (entrevista arquiteta 38 anos).

Na Figura 02 o autor arquiteto na travessia da linha na cidade de Aceguá-Aceguá nos conta:

A imagem fotografica feita na cidade de Aceguá mostra a ausência e a presença ao mesmo tempo no mesmo lugar. A cadeira sinaliza para um tempo de duração – passado, presente e futuro – sentar, tomar chimarrão, entrar, fechar a porta, abandonar (entrevista arquiteto 47 anos).



Figura 01
Fronteira – Jaguarão / Rio Branco
Fonte: Acervo da pesquisa



Figura 02
Fronteira – Aceguá / Aceguá
Fonte: Acervo da pesquisa

4. CONCLUSÕES

Podemos vislumbrar até o momento sobre a técnica da autofotografia na linha de fronteira Brasil-Uruguay, que aparecem no conjunto de imagens-textos infinitos heterogeneos, ou seja, a linha fronteiriça é sentida de múltiplos modos pelos fotografos.

Também se pode perceber a potencia do procedimento no que diz respeito a ruptura do par representação-significado, imagem nem sempre corresponde ao texto.

O processo fotográfico é um processo de criação. Segundo Gombrich (2012) a imagem visual não é mera representação da realidade, mas inventado pelo seu autor a partir de experiências diversas e subjetividades. A autofotografia, portando é um recurso criador e pedagógico; requer escolhas e tomadas de posição, potencializando o pensar sobre.

Destaca-se a composições de imagens-cristal (DELEUZE, 2005), a partir do abandono do par representação-significado, criando imagens líquidas, viscosas, que escorrem por todos os lados, difíceis de serem agarradas, se apegarem, quando falamos de imagens cristais da arquitetura. São lugares corpos sem órgãos, onde a própria palavra escorrega, aparece e desaparece, está sempre acompanhando uma outra palavra, um período histórico das artes e uma imagem da arquitetura, vida e morte. Nomeada mas fugidia, abandonável.

A pesquisa ainda está em fase de organização e análise do material, em média foram realizadas três imagens por travessia, num total de aproximadamente 126 imagens e entrevistas. Pretende-se compor com esse material um mapa de autofotografia da linha fronteiriça Brasil-Uruguay, além de artigos e apresentação dos resultados em congressos e eventos científicos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. **A Imagem-tempo: cinema II**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- GOMBRICH, Ernest Hans. **O uso das imagens**. São Paulo: Bookman, 2012.
- NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. **O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia**. In: Estud. psicol. (Natal) [online]. 2002, vol.7, n.2, pp.237-250. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2002000200005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso: 22 junho de 2018.



PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RESENDE, Lorena Maia. **CARTOGRAFIA URBANA NA LINHA DE FRONTEIRA:** Travessias nas cidades-gêmeas Brasil-Uruguay. Faurb/UFPEL, 2018. Dissertação de mestrado.